



# CULTURA & JUVENTUDE A ECONOMIA CRIATIVA DOS JOVENS É SOLIDÁRIA



Gabriel Medina e  
Ângela Guimarães  
falam sobre  
juventude e Ecosol.  
Pág. 6

Nova Agenda  
do Cooperativismo e  
Associativismo Brasileiro.  
Por Arildo Mota Lopes em  
'Tendências do Debate'.  
Pág. 33

**4º SEMINÁRIO NACIONAL DA ECONOMIA SOLIDÁRIA**  
UMA NOVA AGENDA PARA O COOPERATIVISMO E ASSOCIATIVISMO BRASILEIRO  
4º CONGRESSO NACIONAL DA UNISOL BRASIL  
**25, 26 E 27 NOVEMBRO 2015**  
LOCAL: HOTEL BRASTON SÃO PAULO  
RUA MARTINS FONTES, 300 CONSOLAÇÃO - SÃO PAULO  
PARA MAIS INFORMAÇÕES, ACESSO:  
[WWW.UNISOLBRASIL.ORG.BR/CONGRESSO-2015](http://WWW.UNISOLBRASIL.ORG.BR/CONGRESSO-2015)  
CONTATO: [CONGRESSO2015@UNISOLBRASIL.ORG.BR](mailto:CONGRESSO2015@UNISOLBRASIL.ORG.BR)

# 4<sup>o</sup> SEMINÁRIO NACIONAL DA ECONOMIA SOLIDÁRIA

UMA NOVA AGENDA PARA O COOPERATIVISMO E ASSOCIATIVISMO BRASILEIRO

25  
-a-  
27  
Novembro de 2015

Braston Hotel

Rua Martins Fontes, 330  
Consolação, São Paulo - SP

4<sup>o</sup> CONGRESSO NACIONAL DA UNISOL BRASIL



A Revista da UNISOL Brasil é uma publicação nacional da Central de Cooperativas e Empreendimentos Solidários (UNISOL Brasil).

**Tiragem:**  
1.000 exemplares

**Coordenação Técnica de Comunicação:**  
Paulo Edison de Oliveira;

**Coordenação Editorial:**  
Rita Escolano (Mtb. 48.948);

**Editoração Eletrônica:**  
RC Comunicação Integrada; Monique Almeida, diagramação e criação.

**Produção Geral:**  
RC Comunicação Integrada.

**Entre em contato pelo telefone (11) 4930-7400 ou pelo e-mail imprensa@unisolbrasil.org.br.**

#### DIRETORIA

**Presidente**  
Arlido Mota Lopes

**Vice Presidente**  
Luiz Carlos Simion

**Tesoureiro**  
Marcelo Kehdi Gomes Rodrigues

**Secretário-Geral**  
Leonardo Penafiel Pinho

**Diretora Executiva**  
Núbia Neves dos Santos

**Diretora Executiva**  
Neli Souza Silva Medeiros

**Secretário de Formação**  
Cláudio Domingos da Silva

**Secretária dos Setoriais**  
Mirian Pocebon

**Secretário Agricultura Familiar**  
Israel de Oliveira Santos

**Secretária de Promoção de Negócios e Inovação Tecnológica**  
Maysa Ayres Motta Benevides Gadelha

**Secretária de Políticas Afirmativas**  
Magda de Souza Almeida

*A RC Comunicação Integrada não se responsabiliza por ideias e conceitos emitidos em textos desta publicação.*

## JUVENTUDE ORGANIZADA OCUPA A ECOSOL

A Economia Solidária se consolidou no país com a mobilização de diversos atores do Associativismo e Cooperativismo popular, buscando num primeiro momento lutar contra o desemprego, a falência de fábricas e contra a falta de direitos na economia informal.

A criação da Secretaria Nacional de ECOSOL (SENAES) no Ministério do Trabalho e Emprego consolida, nas políticas públicas, uma nova estratégia de desenvolvimento, baseada em Redes e cadeias produtivas solidárias, e hoje chegam a milhares os empreendimentos econômicos solidários espalhados pelo país, nos mais variados setores produtivos.

Movimentos e iniciativas ligados aos setores das juventudes organizadas mais recentemente começam a se despontar como atores importantes da construção dessa nova Economia. São jovens que lutam para se manter no campo, por meio da agricultura familiar, jovens das periferias urbanas que fazem da produção cultural e manifestações artísticas um negócio solidário, jovens que se formam em universidades e decidem viver através do trabalho associado, jovens que buscam manter viva a cultura e o jeito de viver das populações tradicionais.

As juventudes, com as ocupações de praças e das ruas com cultura, debates públicos, arte e geração de trabalho e renda, reivindicam o direito à Cidade, o direito a mostrar toda sua potencialidade crítica, criativa e produtiva. A ocupação coletiva dos espaços públicos se espalha pelo Brasil reivindicando que as cidades voltem a ser do povo e não dos interesses da especulação imobiliária.

As “Juventudes”, sem pedir licença, e mostrando seu protagonismo, começam a se organizar por meio do #JUVESOL, articulação de uma Rede nacional de grupos, pessoas, entidades e empreendimentos que trabalham para afirmar o protagonismo da juventude na construção da Economia Solidária. E também para mostrar que a produção e organização coletiva é um instrumento importante para a juventude e suas expressões culturais.

A UNISOL Brasil dedica esse número da Revista às experiências onde a juventude mostra todo o seu potencial na Economia Solidária! #JUVESOL

UNISOL Brasil

## Reflexões Políticas

Juventude brasileira e a Economia Solidária em dois artigos: Gabriel Medina/Ângela Guimarães e Georgia Nicolau.

# 06 e 08

## Fala Cooperado

Os cooperados filiados da Unisol Brasil de várias regiões do País contam as suas conquistas e experiências.

# 11

## Reflexões Acadêmicas

Sandra Rufino ilumina outros caminhos no debate da Ecosol.

# 16

## Dois eventos em São Paulo e a força da Ecosol

N Design SP 2015 e Design Weekend.

# 18

## Nosso Olhar

Uma abordagem da conjuntura política da Unisol Brasil.

# 23



Gabriel Medina participa de reunião com Conselho da Juventude. Crédito: SNJ



A cultura indígena é um dos temas tratados pelo MinC, nos trabalhos de Georgia Nicolau. Artesã descendente indígena na ArteTaba (AM). Crédito: Vicente Armonia



Apresentação de dança cigana em Feira Ecosol na Av. Paulista (SP)/Leo Pinho/UNISOL SP



SENAES/MTE



Exposição de produtos solidários na N Design SP 2015/Cybele Washington



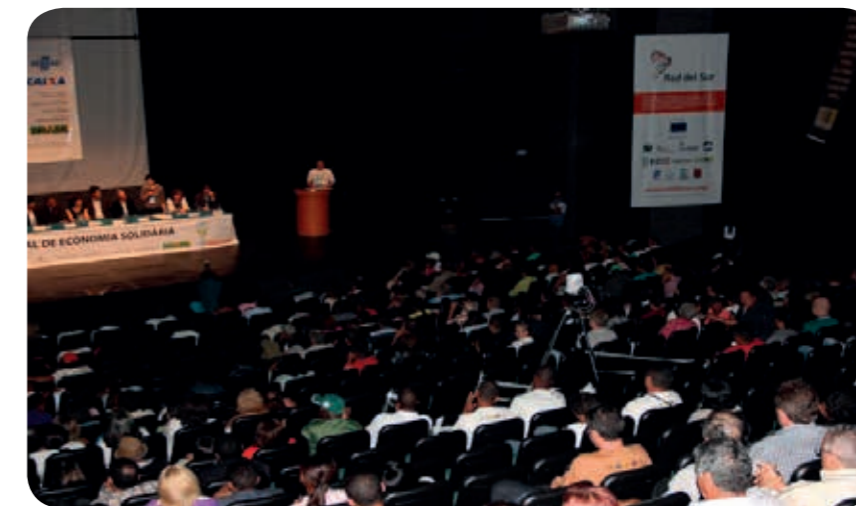
Cooperadas da Coopcamate (RS)/Daia Educação Ambiental



Associação Arte e Convívio, da Rede de Saúde Mental e Economia Solidária, Projeto Redes / Instituto Integra



Jovens do Palmaslab, de Fortaleza (CE)/Palmaslab



Congresso Unisol Brasil 2012/Paulo Edison

## Vozes da Economia Solidária - SUL

A Coopcamate compartilha a sua história e perspectivas pelo olhar de uma liderança jovem.

# 26

## Faces da Economia Solidária

Instituto Integra, Projeto Redes e realizações: ações focadas na saúde mental e cooperativismo social.

# 27

## Vozes da Economia Solidária

Palmaslab, do Banco Palmas, revoluciona a ecosol de Fortaleza (CE).

JuveSol apresenta seu 'Manifesto'.

# 29 e 31

## Tendências do Debate

O Congresso da Unisol Brasil (UB) discutirá temas essenciais e Arildo Mota, presidente da UB, traz sua opinião sobre o acontecimento e o cenário.

# 33

# JUVENTUDE E ECONOMIA SOLIDÁRIA: AS VÁRIAS FORMAS DE MUDAR O BRASIL



Secretaria Nacional da Juventude

O potencial transformador da juventude tem se comprovado cada vez mais forte na construção de políticas públicas em várias esferas, especialmente no âmbito do governo federal. Nos últimos oito meses, diversos processos apontaram neste sentido: a participação marcante de jovens nas discussões setoriais do Plano Pluri-Anual (PPA), que define os investimentos prioritários e estratégicos do governo para os próximos quatro anos; o protagonismo de jovens na incidência da recém-lançada plataforma de participação do Governo Federal, a Dialoga Brasil, estratégia central de diálogo social da Secretaria-Geral da Presidência da República; e, por fim, uma grande inovação na Conferência Nacional de Juventude, que, em sua terceira edição, aposta em um aplicativo para celular, tablet e computador como um dos métodos de eleição de delegados e propostas para a etapa nacional do processo, que acontece em dezembro de 2015, em Brasília (DF).

A 3ª Conferência Nacional de Juventude, lançada no início do ano em evento no Palácio do Planalto, tem como tema: “As várias formas de mudar o Brasil”. O mote coloca como fundamental o reconhecimento de novas formas de expressão da juventude para o enriquecimento do debate político.

Das manifestações culturais das periferias dos grandes centros urbanos, com o Rap e o Funk, às iniciativas colaborativas no campo da comunicação, da economia, novos atores emergiram com força no debate político e precisam ser reconhecidos. Novas práticas de ativismo e sociabilidade, novas maneiras de atuação comunitária e política são características de sujeitos criados por um projeto político que transforma o Brasil há mais de doze anos. Mas, para seguir transformando o país, é necessária a compreensão e o diálogo de fenômenos como o que chamamos de Economia Solidária.

Consagrado como um dos direitos elementares à e ao jovem no Estatuto da Juventude, o direito à

profissionalização, ao trabalho e à renda visa reconhecer o direito do jovem ao trabalho decente, exercido em condições, remuneração e proteção social adequadas. Aqui se inserem complementarmente o direito à promoção de formas coletivas de organização para o trabalho, de redes de economia solidária e da livre associação.

Estas formas associativas de trabalho têm tido nos últimos anos, entre a juventude grande adesão, seja pela dificuldade do mercado de trabalho “tradicional” em oferecer ocupações de qualidade e com proteção social garantidas ao segmento juvenil, seja pela busca entre a própria juventude de descortinar novas formas de trabalho associado, desafiando a lógica tradicional da contradição entre capital e trabalho.

Nesta experimentação de novos formatos de trabalho associado são incorporadas as dimensões objetivas e subjetivas, de cunho emancipador, nos processos de construção de liberdade e autonomia. Neste sentido, cabe aos poderes públicos a formulação de políticas públicas de economia solidária que fomentem e apoiem o exercício do trabalho associado, solidário, cooperativo, a partir do território e estimulem às e aos jovens a buscar uma geração de renda justa para as necessidades básicas pessoais e familiares e comunitárias. Atentos a esta nova demanda, a Secretaria Nacional de Juventude em parceria com a Secretaria Nacional de Economia Solidária do Ministério do Traba-

lho e Emprego, têm desenvolvido ações visando estímulo e suporte às redes de cooperação solidária de jovens nos territórios. Em 2012, lançamos juntos, ainda em caráter experimental, o Edital para Fortalecimento de Empreendimentos Econômicos Solidários juvenis, cujo objetivo foi promover organização e fortalecimento de redes de cooperação solidária em cadeias produtivas e arranjos econômicos territoriais e setoriais de produção, comercialização e consumo.

Colhemos bons frutos e podemos reconhecer como bastante positivas as experiências por nós apoiadas, no sentido de fortalecer a concepção da economia solidária em empreendimentos protagonizados por jovens do campo e da cidade, em especial as periferias urbanas que têm despontado com instigantes iniciativas de articulação territorial de enfrentamento à exclusão econômica e sociocultural.

Numa outra dimensão e levando em conta a necessidade de inserção de cada vez mais atores e diversidades nos processos participativos, a exemplo das conferências, a Secretaria Nacional de Juventude (SNJ) e o Conselho Nacional de Juventude (Con-



Jovens reunidos discutindo as políticas públicas.

juve) decidiram entender definitivamente a internet e suas redes como espaços de disputa e incidência política.

Sim, a juventude acredita que pode influenciar o destino de seus territórios se manifestando nas redes sociais – e a conexão cada vez mais nítida entre os processos políticos nas redes e ruas só ratifica esse sentimento. Sim, a juventude acredita que pode construir novas dinâmicas de trabalho e renda – e a explosão de iniciativas baseadas na colaboração e na solidariedade só comprova uma nova tendência.

Para contemplar esse desafio, estreitamos relações com agentes políticos e discussões importantes sobre tecnologia

e comunicação e concentramos esforços para que, com poucos toques na tela de um aparelho celular, tablet ou computador, qualquer jovem pudesse influenciar na elaboração de políticas públicas e contribuir para a construção do Plano Nacional de Juventude, que vai definir a política de juventude para os próximos 10 anos. Entendemos a importância de construir essa plataforma em tecnologia de software livre e, mais que isso, compreendemos a importância de ter um desenvolvimento aberto e colaborativo.

**A atuação cada vez mais forte de coletivos de ocupação do espaço público, o enorme número de iniciativas de mídia livre e comunicação independente, disputando narrativas e discursos, e os novos modelos e arranjos de produção cultural mostram possibilidades potentes de transformação dos territórios a partir da juventude.**

Por isso, valorizando a força dos jovens na construção de novas realidades, a Secretaria Nacional de Juventude se mostra disposta a reconhecer práticas como as da Economia Solidária, em seu sentido mais amplo. Dos catadores aos artistas, das periferias ao centro, práticas de cooperação e empreendedorismo baseadas na solidariedade são fundamentais para mudar o Brasil. Estamos nessa luta. Consulte o site da Unisol Brasil no QR-Code abaixo e as redes sociais para ficar por dentro das novidades.



<http://unisol.coop/gY>



Gabriel Medina  
Secretário Nacional da Juventude



Ângela Guimaraes  
Presidente do CNJ/Secretária-adjunta Nacional da Juventude

## Tecnologia e Juventude

Dos dois mil delegados que virão à Brasília em dezembro de 2015 para participar de quatro dias de discussões, 600 serão eleitos pelo aplicativo #3ConfJuv. Os critérios de eleição baseiam-se na criação de propostas de políticas a serem implementadas pelo poder público e no engajamento em torno delas. Não basta criar uma proposta que seja muito apoiada e comentada, é preciso debater, seguir e ratificar propostas de outros participantes para ganhar pontos.

O aplicativo é gamificado, uma lógica que traz conceitos de jogos digitais para a plataforma como forma de dar mais leveza e sentido ao processo. Além do custeio da ida de 600 delegados para a etapa nacional em Brasília, 305 propostas vindas do aplicativo serão votadas na etapa nacional da 3ª Conferência Nacional de Juventude. A disputa já está dada: em pouco tempo, e ainda com uma versão experimental, o aplicativo já reunia mais de dois mil participantes e 610 propostas.

# ECONOMIAS DA CULTURA E SOLIDÁRIA: UMA RELAÇÃO POSSÍVEL E NECESSÁRIA

Georgia Nicolau  
Diretora de Gestão,  
Empreendedorismo  
e Inovação da Secretaria  
de Políticas Culturais do  
MinC.



Arquivo pessoal

*“Uma coisa é certa: os coletivos ameríndios, com suas populações comparativamente modestas, suas tecnologias relativamente simples mas abertas a agenciamentos sincréticos de alta intensidade são uma “figuração do futuro”, não uma sobrevivência do passado. Mestres da bricolagem tecnoprimitivista e da metamorfose político-metafísica, eles são uma das chances mais possíveis, em verdade, de subsistência do futuro”.*  
Eduardo Viveiros de Castro e Déborah Danowski - “Há mundo por vir?”

Começo este artigo relatando um encontro com Naine Terena, pesquisadora e produtora cultural, e coordenadora do projeto Territórios Criativos Indígenas, uma parceria entre o Ministério da Cultura (MinC) e a Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT), voltado a criação de um arranjo produtivo local de economia da cultura junto aos quatro povos indígenas do Mato Grosso – Umutina, Chiquitanos, Xavantes e Bakairi. Do turismo cultural às biojoias, cada povo decidiu internamente quais bens culturais gostariam de promover, recebendo consultorias e acompanhamento para desenvolver as cadeias produtivas elencadas. Terena me contava do processo de cada etnia nas decisões sobre o processo produtivo, de distribuição, de comercialização e de gestão da riqueza gerada. Cada grupo precisou escolher como lidar com os recursos e processos, seja por meio de um fundo coletivo, compras coletivas ou recursos individuais, além de pensar a gestão do empreendimento que inclui questões sobre como precificar, ou como organizar o trabalho de forma coerente ao modo de vida de cada comunidade (1). Esta discussão abriu um espaço importante nas



Secretaria Nacional da Juventude

Encontro de jovens na 3ª Conferência Municipal de Juventude (2015), em São Paulo. Ocasão de debates sobre o presente e o futuro da juventude.

aldeias para refletir sobre valores, desejos, percepções, necessidades individuais e coletivas a partir da comercialização de um bem ou serviço cultural com alto valor simbólico. Esse é um aspecto de suma importância a ser levado em conta pelas políticas públicas (PPs) quando falamos em economia da cultura, principalmente quando em interface com povos e comunidades tradicionais. Se autogestão, trabalho associado e cooperativo são princípios básicos da ecosol, a economia da cultura, ou ao menos aquela que se propõe diversa, democrática e inclusiva, e acima de tudo, provocadora, tem muito a aprender sobre as tecnologias sociais já praticadas na ecosol enquanto estratégia e ética de intervenção. A citação no início deste texto vem no sentido de contemplar os valores da tradição e da inovação que caracterizam a literatura e o entusiasmo de alguns grandes pensadores que refletem sobre o Brasil, além de outros tantos que não escrevem, mas militam, lutam e fazem diariamente movimentos neste campo. É com alegria e sentindo-me honrada que recebi o convite da Unisol Brasil para escrever este pequeno texto sobre PPs culturais e ecosol, ocasião em que posso reafirmar minha visão sobre o valor da cultura como direito de todos - conforme previsto na constituição - e como eixo fundamental da cidadania, da democracia e do desenvolvimento econômico do país. O Brasil tem todas as possibilidades

de deslocar o eixo nos debates sobre desenvolvimento no mundo ao projetar futuros mais inspiradores e, acima de tudo, mais participativos, democráticos e plurais, sendo a cultura e a diversidade cultural elementos centrais dessa discussão.

A história da cultura como objeto de teoria e prática de políticas públicas é um percurso relativamente recente, sendo sua institucionalização uma característica dos tempos atuais. No plano internacional, segundo a pesquisadora e presidente da Fundação Casa Rui Barbosa, Lia Calabre (2), a criação em 1959 do Ministério de Assuntos Culturais da França, notadamente um país pioneiro no discurso e na prática das políticas culturais, foi um marco dessa institucionalização contemporânea.

O Ministério da Cultura no Brasil foi criado apenas em 1985, e logo em 1990 voltou ao status de Secretaria de Cultura, mas dessa vez dentro da Presidência da República e não mais da Educação. Foi retomado como Ministério dois anos depois, no governo de Itamar Franco, o que não garantiu uma política cultural estruturante ou propositiva ao país, já que a cultura sequer era encarada como um direito, prevalecendo a lógica do estado mínimo e da privatização da política cultural por meio das leis de incentivo.

Foi o ministro Gilberto Gil e seu predecessor Juca Ferreira que em 2003 inauguraram o discurso antropológico da cultura, abrindo assim o campo de atuação das políticas culturais e promovendo o surgimento da dimensão econômica da cultura enquanto discurso institucional. Segundo o poeta e pesquisador Pedro Terra, citado por Lia Calabre em seu texto ‘Políticas Culturais no Brasil: balanço e perspectivas’, o

programa de governo de Lula (2003) já trazia uma proposta de uma economia da cultura que abrangia tanto a “indústria do entretenimento como a produção e difusão das festas populares e objetos artesanais”, uma narrativa que destaca a capacidade de geração de “ativos econômicos independentemente de sua origem, suporte ou escala”.

**É certo que hoje os produtos, processos e serviços culturais são vistos também por meio da sua dimensão econômica, tanto pelo Estado quanto pelos agentes culturais, sem, é claro, deixar de ser um campo em disputa pela sua complexidade e amplitude e a singularidade dos valores intangíveis que esta economia opera.**

Em sua apresentação na Cúpula Mundial de Artes e Cultura do Chile em 2014, a pesquisadora e consultora da UNESCO, Avril Joffe, defendeu a Economia da Cultura como forma de colocar a cultura de volta ao coração da economia. Em sua exposição ressaltou ainda a necessidade de posicionar a *commons* no centro das discussões das políticas de desenvolvimento, reconhecendo que as pessoas possuem necessidades e identidades coletivas que o mercado não preenche. “Não somos simplesmente vendedores ou consumidores”, afirmou a pesquisadora sul-africana.

Ou, como diria Françoise Benhamou em seu livro ‘A Economia da Cultura’, estaríamos falando não de uma subdisciplina nova da economia, mas de um campo fecundo para a “reflexão sobre as fronteiras da ciência econômica e a legitimidade de atravessá-las” (3).

Cabe fazer a ressalva de que isso não significa que não devemos competir no mercado global com



Georgia Nicolau no evento MICA, na Argentina.

Ministério da Cultura (MinC)

nosso bens e serviços culturais, mas que enquanto políticas públicas de fomento, financiamento, formação e acesso, podemos e devemos experimentar e investir em modelos de negócios alternativos, outros paradigmas de modelos de produção, distribuição e comercialização.

## Economia da Cultura e Economia Solidária, panorama e perspectivas

Segundo informações do Cadastro Nacional de Empreendimentos Econômicos Solidários (CADSOL) gerido pela Secretaria Nacional de Economia Solidária do Ministério do Trabalho e Emprego (SENAES/MTE), foi constatado que dos mais de 20 mil empreendimentos identificados, 33% declaram atuar diretamente no campo cultural. Ainda, por meio do relatório de avaliação do Programa Nacional de Incubadoras de Cooperativas Populares (PRONINC) vê-se que a grande maioria dessas incubadoras possuem empreendimentos considerados culturais, notadamente com destaque ao artesanato, confecção e moda e produção artística. Somados, os setores culturais são aproximadamente 35% dos empreendimentos levantados pela referida pesquisa. **O que vemos, portanto, é que existe um significativo número de empreendimentos econômicos que atuam no campo da produção de bens e serviços culturais** que já possuem relação com políticas públicas ou organizações de economia



Secretaria Nacional da Juventude

solidária e poderíamos inferir, por consequência, aos seus princípios e éticas produtivas e relacionais. Por outro lado, existem milhares de empreendimentos que atuam no campo cultural e que demandam ações específicas de fomento e regulação dos seus processos econômicos, sendo ainda o acesso às políticas públicas uma barreira considerável.

Podemos dizer que falta aos empreendedores da cultura não familiarizados com as práticas da economia solidária, o conhecimento de formas alternativas de organização tais como autogestão, cooperativas e associações, das vantagens de ser dono dos meios de produção, de aproximar oferta e demanda e de reposicionar a lógica da circulação por meio da atuação em rede. Optei por não me aprofundar aqui no histórico institucional entre as políticas públicas de economia da cultura e economia solidária(4). Sobre esse assunto sugiro aguardar a tese de doutoramento da pesquisadora da Universidade Federal da Bahia (UFBA), Luana Vilutis, que está no prelo e sai ainda este ano. Limite-me apenas a provocar os gestores, agentes culturais e empreendedores, eu inclusa, comprometidos com a transformação social, entusiastas das novas ferramentas e oportunidades abertas com a revolução digital e sabedores da riquíssima diversidade cultural brasileira. Provoco para que não

“Milhares de EESs pelo Brasil atuam no campo cultural e demandam ações específicas de fomento.”



Evento protagonismo e juventude discute o papel dos jovens na sociedade (2015), em Brasília (DF).



A Agência de Redes para Juventude selecionou dois projetos de cada uma das seguintes comunidades no Rio de Janeiro: Batan, Borel, Cantagalo, Chapéu Mangueira/Babilônia, Cidade de Deus e Providência. Patrocinada pela Petrobras e vinculada à ONG Avenida Brasil, a agência tem como principal objetivo atender aos jovens que estavam fora das redes de proteção social, promovendo sua inclusão através de projetos que beneficiem diretamente a comunidade. do trabalho da agência são: criatividade, ação em rede e intervenção no território.

desistamos de promover mais espaços de diálogo, reflexão e prática conjunta, com vistas a desenvolver tanto a economia solidária, quanto a economia da cultura, contabilizando o percurso dos amadurecimentos e das complementaridades de ambos os movimentos.

Não podemos descartar o fato de que estamos diante de algo relativamente novo no tempo histórico e que necessitamos de uma abertura permanente às novas invenções humanas que possam aprimorar e ampliar nosso campo de atuação. Como exemplo podemos citar determinadas ferramentas da chamada economia colaborativa, como a programação de plataformas que aproximam demanda e oferta e que poderiam ser apropriadas, ou as plataformas de financiamento coletivo, que ainda atuam pouco com os empreendimentos solidários, mas que potencialmente podem vir a ser fonte alternativa de captação de recursos. Enfim, que possamos a partir de ações mais integradas, e esforços conjuntos, promover a inovação cidadã que, no âmbito da cultura e da economia solidária, ocorre de forma processual, ou seja, equaliza sua potência ao seu território, seja ele uma comunidade, um bairro, uma cidade, ou uma rede virtual, produzindo valor social antes de valor de mercado. Referências e outras informações:

<http://unisol.coop/hb>

## FALA COOPERADO

Regiões do País mostram histórias de empreendimentos econômicos solidários. Nesta edição, o foco é na juventude e em alguns casos, juventude e cultura:



ARPA

que os catadores são profissionais que atuam no recolhimento do material, sobrevivem do material descartado, fazendo sua parte e buscando destinar corretamente os materiais recicláveis, o que representa gerar renda e oportunidades e ao mesmo tempo, garantir um meio ambiente saudável, livre de doenças e contaminação”, reitera.

Mais informações sobre as atividades da ARPA, seus parceiros e reciclagem em Manaus:



<http://unisol.coop/ha>

### NORTE

Despertar a consciência ambiental de crianças e adolescentes tem sido parte da missão da ARPA - Associação de Reciclagem e Preservação Ambiental, de Manaus (AM) filiada da Unisol Brasil. Oficinas de boas práticas ambientais e artesanato à partir de lixo reciclável e palestras de mobilização estão envolvendo mais de mil crianças em 2015, para abordar o problema do lixo por meio do processo de educação ambiental. Desde 2014, a assessoria local da UB tem atuado na capacitação e orientação para a autogestão do empreendimento, articulado e contribuído para o desenvolvimento da ecosol no município. Denominado de 'Projeto Recicla', três escolas municipais da zona leste de Manaus tem recebido as ações que incluem, de forma lúdica e divertida, a instalação de postos de coleta voluntária. Foi idealizada uma cartilha de educação ambiental para os professores, educadores populares e

lideranças comunitárias guiarem as pessoas sobre a implantação da coleta e a doação dos resíduos para a ARPA. O material teve os patrocínios do Banco da Amazônia e do Governo Federal. Cerca de 800 estudantes estão sendo contemplados com as iniciativas e desta forma se pretende sensibilizar a comunidade no melhor controle ambiental dos resíduos e criar multiplicadores de boas práticas sustentáveis no âmbito escolar. “Persuadimos os alunos para que possam levar materiais como garrafas pet, embalagens tetra park e outros similares para a escola, que serão depositados num big bag (grande saco) disponível, e periodicamente fazemos a retirada do material. Isso minimiza o trabalho dos catadores”. Lima explica



Raul Lima/ARPA (AM)

ARPA

## NORDESTE

Uma associação dirigida e coordenada por jovens, que discutem e executam propostas voltadas para a temática da agricultura familiar e agroecologia dentro e fora do ambiente universitário. Esta é a AGROVIDA, assistida pela Unisol Bahia e que executa uma chamada pública de Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER), atendendo, indiretamente, jovens do campo. O grupo entende que estes agricultores fazem parte e contribuem significativamente na unidade de produção familiar (UPF).

Reunidos numa média de 15 jovens efetivos na associação desde meados de 2013, a AGROVIDA recebe um fluxo grande de pessoas. Isto por ser um grupo constituído por alunos de uma universidade e o número de participantes variar de acordo com o semestre (desde 2002). Outras ações desenvolvidas são os seminários. Desde fevereiro de 2015 são realizados os SEMINAGRO's, apresentados semanalmente por membros e não membros da AGROVIDA, no ambiente da Universidade Federal do Recôncavo Baiano (UFRB). O objetivo

dos seminários é abordar assuntos normalmente nunca discutidos em salas de aulas, como agricultura familiar e agroecologia, seus dilemas, desafios e conquistas; a mulher, o jovem, negras e negros na questão agrária; crise hídrica; movimentos sociais, entre outros. O público-alvo destes eventos são os universitários (as). Encontros sobre agroecologia e agricultura familiar são promovidos desde 2005, para possibilitar o diálogo entre a universidade, comunidades de agricultores familiares, sociedade civil organizada e poderes públicos, sobre a importância destas temáticas no desenvolvimento socioambiental, sustentável e solidário. Os Encontros se constituem num espaço político, educacional e social de reflexão e de reivindicação em torno das demandas da agricultura familiar, originadas tanto pela sociedade, quanto

pela academia. No final de cada evento as discussões são sistematizadas num documento final, o qual é encaminhado às instituições públicas e aos atores sociais envolvidos, visando a concretização das ações. A mobilização para o Encontro ocorre na sensibilização junto às comunidades, escolas, universidades, organizações sociais, poderes públicos e outras instituições públicas ou privadas de pesquisa e extensão rural, assim como a divulgação por meio da grande imprensa e meios institucionais. A realização deste evento conta com o apoio da UFRB e parcerias com órgãos públicos, organizações sociais, políticas e não governamentais. Neste contexto, o VII Encontro proposto para 2015, elege como tema: "A importância do manejo agroecológico do solo para gerações futuras". Nele, se pretende abordar principalmente a importância da

permanência do jovem no campo e políticas públicas que garantam esta situação.



<http://unisol.coop/hc>



Membros da UFRB em evento com representantes da AGROVIDA.



Membros da AGROVIDA - UFRB



AGROVIDA em seu III Seminário com Israel de Oliveira Santos, da Unisol Bahia/NE.



Membros da AGROVIDA em evento na UFRB.

## CENTRO-OESTE

Dentro de uma economia de larga escala baseada na indústria agropecuária intensiva, a agricultura familiar vem cavando espaço, de forma mais contundente, de 2004 aos dias de hoje, impulsionada por meio de Políticas Públicas no período. A Coopel foi criada em 2011 à partir de discussões em grupo da necessidade dos agricultores e agricultoras para comercializar e produzir num volume maior, na perspectiva do Cooperativismo e Economia Solidária. Seguindo os trâmites de aprovação do estatuto, eleição e posse da diretoria, SENAES/MTPS a Coopel tomou corpo e hoje conta com 120 cooperados e cooperadas. Neste grupo, cerca de 40 são crianças e jovens, dos sete aos 29 anos.

A produção é composta de hortaliças, mandioca e milho. Também possuem gado de corte e começaram a plantar algodão agroecológico, em parceria com a Justa Trama (RS), filiada à Unisol Brasil. O investimento no algodão é parte de uma Rede que congrega empreendimentos econômicos solidários (EESs) de várias localidades do País e a confecção dos itens, neste fio, se concentra na cooperativa Univens, em Porto Alegre. O comércio local adquire os produtos da Coopel.

A Unisol vem colaborando em articulações com o poder público estadual para melhorar a assistência técnica para os cooperados e cooperadas na elaboração de projetos. Atualmente, a Coopel está participando do edital da Fundação Banco do Brasil (FBB) para a juventude rural, que envolve a parceria com a Justa Trama. Este prevê a compra de um trator, insumos para a produção de hortaliças em dois hectares de terreno e capacitações.

Rubens Silva, um dos líderes, menciona: "Os principais desafios atuais são o de estruturar a cooperativa para aumento da produção de alimentos, finalizar a construção da sede e evitar que os jovens migrem para a cidade, por falta de oportunidade. Já as dificuldades enfrentadas são as estradas mal conservadas, a falta de assistência de saúde próxima da comunidade, de escolas para as crianças, e de tentar evitar que os grandes produtores de soja, em volta do assentamento, pulveri-



Membros da COOPEL (MT).

zem as lavouras com o serviço de aviões, espalhando veneno nas plantações. Em muitos casos, chegando ao extremo de matar tudo o que é produzido", finaliza. Conheça mais sobre este empreendimento Econômico Solidário no site da Unisol Brasil.



Plantação da COOPEL (MT).



Pluma de algodão colorido. A Coopel se prepara para produzi-lo.

## SUDESTE



Jovens discutem políticas públicas em São Paulo.

Na cidade de São Paulo, mais de 9% das empresas dedicam-se a algum tipo de atividade criativa. Segundo um estudo da Fundação do Desenvolvimento Administrativo (FUNDAP), em 2009, elas já empregavam cerca de 140 mil trabalhadores formais, correspondentes a 3% de todo o emprego formal na cidade. O número de empresas nestes setores tem crescido a um ritmo muito superior ao da média da economia. O município concentra em seu território mais da metade dos trabalhadores da Economia Criativa no Estado e 15% do país.

Cheios de energia, ideias, histórico de ações e inúmeros objetivos a alcançar, Bob Controversista, nome artístico de Eduardo Barbosa, e Erica Ribeiro, dois educadores sociais e ativistas culturais, impulsionados pela Unisol SP e com o apoio da Unisol Brasil, foram selecionados para assumirem o Setorial de Economia das Culturas e Criativa em 2015. O momento é oportuno, pois a cidade vive um verdadeiro caldeirão de atividades artísticas, e muitas relacionadas à Economia Solidária (Ecosol). Este setorial era uma demanda de alguns anos, necessária para o assunto se fortalecer dentro da Ecosol. Controversista e Ribeiro ressaltam: “a juventude está integrada em todas as atividades. Como o projeto está dentro da Secretaria do Trabalho, Desenvolvimento e Empreendedorismo de São Paulo (STDE), o seu foco é no trabalho e na geração e renda”. A história da Uni-

sol Brasil e do Setorial teve um primeiro ponto de contato em 2004, quando Controversista, como Eduardo gosta de ser chamado, conheceu Leo Pinho, atual diretor da Unisol SP, secretário-geral da Unisol Brasil e 1º Secretário da Associação Brasileira de Saúde Mental (ABRASME). À época, Controversista trabalhava no Núcleo de Trabalhos Comunitários, da Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP). Entre 2005 a 2010, coordenava o abrigo para crianças de rua, e discutia o conceito de ‘redução de danos’, o que o levou a uma aproximação da Rede de Saúde Mental e de Pinho. Sempre defendeu que havia

uma saída pedagógica para o problema das drogas. “Fomos criando estas condições de ampliar este debate até que tomamos corpo para ações práticas. Esta metodologia era simples, de só fomentar a inclusão social com a geração de trabalho e se possível, de renda. Percebemos que os conflitos é que levavam eles para rua e na rua eles usavam drogas para superar estes dramas. Uma vez que se valoriza



Bob (ao centro, de barba e lideranças do Hip Hop do interior de SP)

o ser humano, trabalhando-se a autoestima a partir do que ele/ela tem de leitura de mundo, o usuário começa a fazer uma análise do que a droga proporciona. A sugestão deste trabalho é de trocar um prazer pelo outro. Proponho que eles façam música, grafite, escrevam, dançam, etc (...) sempre promovendo esta troca, este respeito pelo ser humano, criando outras condições”, pontua.

Trabalhando com arte urbana e da periferia desde o início da década de 90, Controversista levou o conceito

de Ecosol para o projeto federal, e de alcance local, dos Pontos de Cultura, em 2009. Criou a Associação Cultural e Educacional Movimento Hip Hop Revolucionário (MH2R) em 2010. Realizou a cobertura colaborativa – acompanhamento e produção de notícias - do Congresso Nacional da Unisol Brasil em 2012, uma vez que desde 2010 já realizava atividades com o envolvimento da entidade e efetivou a filiação da MH2R em 2013. A criação do Setorial culminou com uma promissora parceria entre Bob Controversista, Leo Pinho pela Unisol Brasil, e demais atores.

Os setoriais de artesanato, costura, confecção e têxtil, cooperativismo social, ecoturismo, alimentação e economia das culturas e criativa se somam no desafio para introjetar estas atividades nas políticas públicas do município. Tendo o educador Paulo Freire e o sociólogo Paul Singer por inspiração metodológica e pedagógica, a participação e a cooperação e o uso de tecnologias sociais, Ribeiro lembra as metas de 2015: a mobilização de coletivos, artistas e empreendimentos para o preenchimento online do mapeamento do setorial; eventos da Design Weekend na região da av. Paulista (ocorridos entre os dias 10 a 18 de agosto e tema de matéria no miolo desta Revista); organização de formações e asses-

sorias em temas específicos para os empreendimentos do setorial; e encontros promovidos em várias regiões da capital, para apresentar os conceitos de Ecosol, identificar os Empreendimentos Econômicos Solidários (EESs) e iniciativas ligadas à Economia Criativa local, incentivar o surgimento de EESs, coletivos, grupos e redes, promover outros encontros e eventos. Além de planejar ações para 2016, entre outras tarefas.



Ocupação do vão do MASP (SP)

De norte a sul da capital, sem esquecer das fronteiras e iniciativas que interagem nelas, são muitos os atores engajados e que dão suporte ao Setorial: Grupo de Rap Pretologia, Coletivo Scipopulis, Coletivo Brasil Design, Rap Firma (Butantã), Mano Hell (MC Educador Social/Zona Norte), a Subprefeitura da Cidade Tiradentes, entre outros.

Um dos empreendimentos ligados à Unisol Brasil que se destacam neste setor é a já citada MH2R, baseada numa comunidade carente de Guarulhos, na grande São Paulo.

Tendo como missão agir e incentivar aqueles que atuam para a manifestação do pensamento, da criação, da expressão e da informação, sob qualquer forma, processo e veículo, a MH2R agrega crianças, adolescentes e jovens das regiões periféricas de Guarulhos e São Paulo. Desta forma, tem promovido o fortalecimento e a união dos quatro elementos que são a base da Cultura Hip Hop (Dança de Rua, DJ, MC, Graffiti e Conhecimento). E semeado esta cultura nos encontros, seminários, palestras, congressos, festivais, oficinas, shows, peças teatrais e intercâmbios internacionais. Controversista, presidente da MH2R, levou para a associação palestras e workshops sobre gestão e aspectos jurídicos do cooperativismo, com os assessores Paulo Índio, Lucimeire Façanha e Eugênio Soares, da Unisol Brasil, para ajudar no amadurecimento dos EESs associados. Em 2013, no Encontro das Casas da Cultura Hip Hop, foram trabalhados temas transversais, como o empreendedorismo social. Leia mais sobre esta história nos canais abaixo.



<http://unisol.coop/he>



# AS CONTRADIÇÕES DA ECOSOL E COMO SUPERÁ-LAS NO ATUAL MODELO SÓCIO, POLÍTICO, ECONÔMICO E CULTURAL DO BRASIL?

**A** economia solidária (ES) é conjunto de atividades econômicas (em linhas gerais, de produção, distribuição, consumo, poupança e crédito) organizadas sob a forma de autogestão. Considerada por Paul Singer como um modo de produção pautado pela igualdade de direitos, e pela posse coletiva dos meios de produção, possui uma finalidade que envolve as dimensões social, econômica, política, ecológica e cultural. Busca na valorização humana a sua emancipação.

Pelo poder público, é vista como estratégia de geração de trabalho e renda, aparece como forma de combate à pobreza e inclusão social, constituindo-se para o Estado (federal, estadual e município) como uma política pública de caráter transversal.

Atualmente são mais de 50% dos estados com lei e vários municípios com decretos específicos para a ecosol. Em 2006, na I Conferência Nacional de Economia Solidária (I CONAES), os trabalhadores (as) afirmam a ES como alternativa ao modelo capitalista e estratégia para um novo formato de desenvolvimento, sustentável, incluyente e solidário

considerando a pluralidade de lutas sociais e a diversidade de sujeitos que configuram sua base social.

Algumas pesquisas tem apontado uma nova racionalidade econômica e de produção que trazem



Ocupação do vão do MASP (SP) no Agosto Solidário.

resultados positivos para os empreendimentos com ganhos de renda e ganhos para além do econômico. Onde a solidariedade, cooperação e participação não estão subordinadas à exigência de eficiência e velocidade do mercado. Superam as condições de precarização do trabalho impostas pelo capitalismo que isolou os indivíduos e os alienou.

Sandra Rufino

Militante do movimento de Economia Solidária. Ex-cooperada da Verso Cooperativa de Psicologia. Professora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)



Mas essa não tem sido necessariamente a realidade para outros empreendimentos de economia solidária, onde os trabalhadores e as trabalhadoras vivenciam os resquícios da cultura capitalista em seu cotidiano e que atrapalham o desenvolvimento de sua autogestão e a prática dos princípios da economia solidária. Muitos EESs têm que simplesmente sobreviver no mercado, e nas condições que a economia permite. Estão submetidos a dinâmica de uma empresa capitalista ou do mercado. Para esses EESs as ações não rompem com a ordem do capital e não consegue ser um projeto de emancipação política e/ou de emancipação humana.

Quando isso acontece, para Rosa Luxemburgo e Henrique Tahan Novaes na verdade a economia solidária mistura seus princípios com as relações capitalistas de produção. O ca-

pital tem permitido que a economia solidária até certo ponto se desenvolva no que é preciso para manter sua subsistência, porém reduzida ao mínimo necessário. E ao invés de se contrapor ao modelo, abre espaços de minização de conflitos e convivência pacífica dos trabalhadores marginalizados do mercado capitalista e que foram incluídos na economia solidária. Talvez, por isso, em muitos momentos e espaços, ela se apresenta ambígua e contraditória. Não é possível acreditar em um projeto e implementá-lo como sendo um único caminho alternativo para a liberdade, a dignidade, a cidadania e ele de alguma forma manter o modelo atual.

Paul Singer afirma que o propósito da economia solidária é tornar o desenvolvimento mais justo, repartindo seus benefícios e prejuízos de forma mais igual e com isso, ela pode romper e transformar o sistema. Mas se a ES não pretende opor-se ao desenvolvimento (mesmo sendo capitalista) pois contribui para que a humanidade progrida, nesse sentido estaria apenas para um socialismo de mercado, que para Henrique Novaes seria “mudar sem mudar nada”. Para a economia solidária, produção e reprodução de bens materiais e serviços está calcada nas várias relações sociais que permitem a produção e também a apropriação

desses produtos. Que para Armand Ajzenberg envolve simultaneamente a produção material e a produção espiritual, a produção dos meios e a dos fins, a dos instrumentos, a dos bens, e das necessidades. O trabalhador é produtor de riquezas.

É necessário um maior engajamento político e social para termos uma articulação e cooperação econômica que ajude a superar a anarquia do mercado. Devemos superar o modelo social, político, econômico e cultural onde mercado e o dinheiro se converteram nos reguladores das relações humanas em todos os níveis.

Sabemos do potencial da economia solidária, mas para que ela possa superar o atual modelo será necessário uma melhor relação com os demais movimentos sociais e com o estado, para uma articulação na construção de um projeto estratégico que vá além do capital. Ter uma gestão focada nos aspectos da autogestão e cooperação. Devemos sobre-

tudo reafirmar a economia solidária como processo de transformação social. Referências bibliográficas:

AJZENBERG, Armand. *As classes sociais e suas formas modernas de luta*. Revista GEOUSP – Espaço e Tempo n.17 (2005). – São Paulo: FFLCH/USP, 2005, p. 09-19.

LUXEMBURGO, R. *Reforma ou Revolução?* São Paulo: Ed. Expressão Popular, 1999.

NOVAES, H. T. *Qual autogestão?* Revista da Sociedade Brasileira de Economia Política. v. 18, p. 70-95, 2008.

CNES; SENAES. *III Conferência Nacional de Economia Solidária: texto de referência para contextualização e balanço nacional*. Brasília, 2014, SENAES.

SINGER, Paul. *Desenvolvimento capitalista e desenvolvimento solidário*. Revista Estudos Avançados, v. 18, n. mai-ago. 2004.

Outras informações, abaixo:



<http://unisol.coop/hf>



Diego Camacho

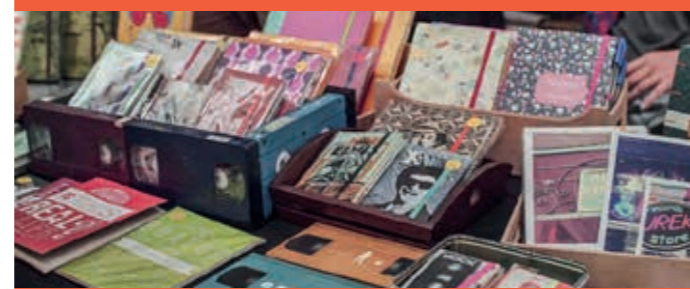
# A ECONOMIA SOLIDÁRIA ESTÁ OCUPANDO ESPAÇOS NA SOCIEDADE PAULISTA

Dois grandes eventos agitaram a cidade no primeiro semestre de 2015: o *N Design SP* e o *Design Weekend*, onde, neste segundo, houve uma programação estendida denominada de 'Agosto Solidário'. Em comum, eles tiveram, pela primeira vez, de forma planejada e ampla, a participação da Economia Solidária, que levou novos conceitos aos diferentes públicos presentes.

O *N Design SP 2015* - Encontro Nacional dos Estudantes de Design - aconteceu na Faculdade Integrada Rio Branco, em São Paulo, de 19 a 26 de julho, retornando para São Paulo após 18 anos sendo sediado em outras cidades do Brasil. Direcionado para os estudantes das diversas modalidades do design, propõe a discussão e o compartilhamento de ideias e traz aos seus participantes visões diferentes sobre a sociedade, além de uma quebra de paradigmas. Proporcionando uma semana repleta de atividades em formatos variados, o evento reuniu mais de 2 mil estudantes que passaram pelas oficinas, palestras, debates e dinâmicas integradoras. Além das várias temáticas ligadas ao design, nessa edição do *N Design SP* os estudantes tiveram contato também com a Economia Solidária, em diversas atividades. O *Bazar do N*, realizado por estudantes empreendedores, contou também com a participação Empreendimentos Econômicos Solidários (EESs). O espaço foi ocupado de forma inédita por 22 EESs, dos setoriais de Artesanato, Costura e Economia das Culturas e Criativa. Já a alimentação do evento, que contou com 1.200 refeições diárias, ficou nas mãos da Rede de alimentação, fruto do Projeto "Economia Solidária como Estratégia de Desenvolvimento", promovido pela Secretaria de Desenvolvimento, Trabalho e Empreendedorismo de São Paulo (STDE) e executado pela Unisol SP. Além disso, o kit do evento seguiu o conceito de ecosol, composto por camiseta, bolsa (confeccionados pela

Rede Costura Solidária SP, de oito EESs, formada pelo projeto da STDE) e o caderno, do Tear, um EES da Rede de Saúde Mental.

Outra vasta programação foi oferecida pelo evento 'Agosto Solidário', em vários pontos da cidade paulista. De 08 a 16 de agosto de 2015, a Ecosol transformou a



Bazar realizado por estudantes empreendedores, na N Design SP 2015.

região da Avenida Paulista em um misto de atrações que uniam design, artesanato e ocupação urbana. Seminário, exposição, feira, cultura, design e o uso dos espaços públicos reuniram conceitos, perspectivas e produtos da Economia Solidária, ou inspirados por ela, em São Paulo. As atividades foram promovidas pela SDTE por meio do referido projeto de ecosol, tendo a Unisol SP como proponente e catalisadora deste e de uma série de iniciativas de ecosol para o município paulista. O 'Agosto Solidário' teve a largada no dia 08 de agosto na Feira da Rede de Saúde Mental e Ecosol



Feira ECOSOL, na Parque Mário Covas, na Av. Paulista, em SP.

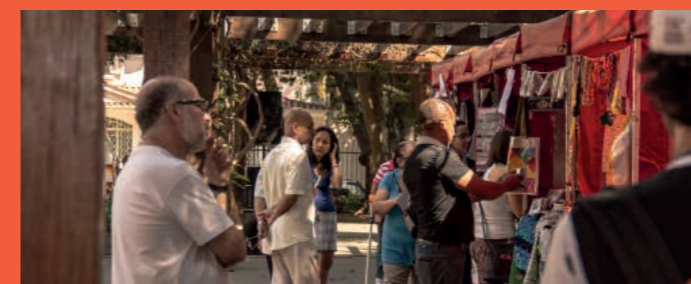
abrigada no Parque Mário Covas, na Avenida Paulista. A feira é organizada pelos empreendimentos e oficinas de trabalho que compõem a Rede de Saúde Mental e Economia Solidária de São Paulo, composta por grupos e associações no âmbito do cooperativismo social e da inclusão social pelo trabalho de pessoas que estão em



Exposição de produtos na N Design SP 2015.

situação de sofrimento psíquico.

Leo Pinho, secretário-geral, coordenador nacional do setorial de Cooperativismo Social da Unisol Brasil e diretor da Unisol SP é um dos organizadores e divulgadores da ação. Pinho é entusiasta e defensor da humanização nos tratamentos de saúde mental, estando à frente na construção de políticas públicas municipais, estaduais e federais nesta área. Dando continuidade, o 'Agosto Solidário' fez parte da *Design Weekend* (DW), maior festival do setor de design, na América Latina, realizado de 12 a 16/08. Teve início



Feira ECOSOL, na Parque Mário Covas, na Av. Paulista, em SP.

com um seminário no Cine Belas Artes no dia 12/08 com convidados, entre eles, Batatas Construtoras (braço de intervenção do Coletivo Ocupe a Batata), Coletivo de Fatto (Associação Brasileira de Artesanato), Coletivo Brasil Design (CBrD) e Conjunto Nacional, formados também por jovens, profissionais e empreendedores,



Exposição ecosol na Design Weekend (DW), Conjunto Nacional, em SP.

com trabalhos ligados às questões como: 'Qual a identidade do artesanato na cidade de São Paulo?' entre outras proposições. Neste acontecimento, o EES Sabor, Saúde e Sustento cuidou do coffee break. A responsável pelo Setorial de Artesanato da Unisol SP, Julia Asche, conta que a proposta de inserir a Economia Solidária na programação da DW partiu deste grupo, que reúne no setorial as principais demandas da área para a capital paulista. E que foi uma maneira de apresentar e sensibilizar o público em geral para a pauta, da maneira mais prática e concreta que puderam pensar. "Surgiu logo nas primeiras discussões, sobre quais pautas e



Objetos Ecosol na DW, no Conjunto Nacional, em SP.



os obstáculos que este segmento precisa ultrapassar. Era preciso entender a identidade e a valorização do artesão e do seu produto dentro da cidade, buscando espaços de comercialização, enfrentando a concorrência desleal dos artigos chineses, oferecendo um preço justo.

*Recebemos, então, o convite de um parceiro - a Associação Objeto Brasil - para fazer parte do Paulista Distrito Design e apresentar de forma inovadora a Ecosol e seus atores, o design como agente transformador do artesanato e a ocupação da cidade pelos coletivos culturais”, relata Ashe.*

O objetivo do Coletivo Brasil Design era de priorizar, dentro do processo de construção do evento, todos os serviços e produtos da exposição que pudessem ser confeccionados por EESs. Essa seria uma forma de não só gerar renda como também mostrar na prática que os empreendimentos pertencentes a Ecosol podem oferecer muito mais do que a confecção de peças artesanais ou

Solidária, Designers Artesãos, Artesanato Tradicional e Intervenções Urbanas. Uma realização da Associação Objeto Brasil e do Coletivo Brasil Design, mostrou peças de moda ecosolidária, realizadas em parceria com a Associação Brasileira de Estilistas (ABEST), com o Instituto Ecotece, e a Universidade Presbiteriana Mackenzie (SP); EESs de costura e artesanato que completaram a mostra. O projeto expositivo foi da arquiteta, artista plástica e designer Adriana Yazbek e os mobiliários dos expositores, confeccionados por EESs ligados ao Setorial de Cooperativismo Social da UB.

Na Feira Craft Design, de negócios, tendências, decoração e design que ocorreu de 13 a 16/08, a Design Possível, filiada à Unisol Brasil, teve um stand com produtos de diversos EESs do Setorial de Artesanato, e a ArteTaba, de Tabatinga (AM) expôs suas biojoias no espaço da designer Patrícia Henna, parceira deste EES. A vinda da ArteTaba, associação filiada à Unisol Brasil

ocorreram em três visitas e no acompanhamento remoto, envolvendo a assessoria da Unisol Brasil e da Design Possível. Um amplo diagnóstico fora realizado, compreendendo desde a identificação das associadas e associados, seus insumos e modos de produção, passando por workshops com Henna e artesãos e artesãs, formatação de plano de negócios até a reorganização da loja solidária e montagem de equipamentos para furar e esterilizar as peças. Mais informações deste projeto você encontra no site da Unisol Brasil e nas redes sociais (veja no final deste texto o QR-Code e o link encurtado).

A cultura urbana e da periferia ocuparam o vão do MASP de 10 a 14 de agosto, com programação que incluiu exposição e venda de produtos, música, cinema, debate, pesquisa e conversa sobre desenvolvimento de games, desfile de Moda das Quebradas, oficina de tranças e dreads, de brinquedos de papelão, de Cooperativismo Social, interação entre os quatro elementos da cultura

para prender o cabelo, enfim, em todos os lugares”, ressalta Mônica. Propulsores desta movimentação, Bob Controversista (Eduardo Barbosa, já citado no Fala Cooperado Sudeste) e Erica Ribeiro, educadores do Setorial de Economia das Culturas e Criativa, junto a Christiano Basile e Ivo Pons (estes também no Fala Cooperado Sudeste) uniram forças apoiados por uma extensa rede de colaboradores e parceiros. Sobre a participação na Design Weekend, Pons, Coordenador Técnico do Projeto 'Economia Solidária como Estratégia de Desenvolvimento', destaca: “Integramos vários setoriais, levando conteúdo para o centro da cidade, para o contato com o povo. Tivemos muita colaboração, que é uma característica dessa economia. Temos um ponto forte em relação à visibilidade, pois conseguimos mostrar algo novo. Ocupamos um espaço na sociedade e sabemos termos mais a mostrar. A Ecosol não é o lugar do 'coitadismo', ao contrário. Percebemos um índice de retorno bastante dinâmico, EESs fecharam novos



Peças de decoração da exposição Design Weekend (DW).

Diego Camacho



Stand da Design Possível, na Feira Craft Design - 2015.

Diego Camacho



Ocupação no vão do MASP, parte da Design Weekend.

Coletivo A Invenção



Produtos Ecosol na ocupação no vão do MASP.

Coletivo A Invenção

produtos alimentícios básicos. “Para essa participação e ocupação dos espaços, contamos com a realização das atividades por este Coletivo: a junção de sete associações de design que querem promover políticas públicas para área e o designer, atuando também na Ecosol”, reforça.

Inaugurada antes e integrada ao DW, a exposição 'Design, Artesanato e a Cidade', que mostrou o design como inspiração e possibilidade para a Economia Solidária, teve espaço no Conjunto Nacional, de 10 a 16/08. Esteve composta por quatro eixos - Economia

que produz ornamentos pessoais e artigos de decoração usando espécies florestais como sementes e madeiras, para São Paulo, foi consequência do projeto do Serviço de Apoio às Micro e Pequenas e Empresas (Sebrae) iniciado em 2014 e concluído em 2015.

Uma consultoria organizada pela Unisol Brasil criou condições para o mercado nacional poder conhecer estas biojoias, os produtos de iluminação, os revestimentos, os artigos de decoração, moda e acessórios deste empreendimento solidário. Os trabalhos de consultoria

Hip Hop e samba. Este conjunto de eventos reuniu uma grande quantidade de jovens, protagonistas e participantes. A assessora de imprensa do projeto, Mônica Ribeiro, responsável em informar e acompanhar detalhes destes acontecimentos, comemora o aumento de visitantes na página da Unisol SP, canal no Facebook de divulgação das atividades. “Costumamos achar que o design é feito apenas de móveis caros e coisas fúteis, na verdade queremos desmitificar esta questão, pois o design está em tudo, ele está na roupa, no grampo usado

negócios; ao longo dos eventos, os visitantes, ao serem convidados para outras atividades, aderiam e replicavam o convite. **A cidade se identificou com a Ecosol.** Percebemos uma grande presença de universitários e de jovens da periferia e do centro”, enfatiza.

Falando no futuro, Pons é inspirador: “Empreendimentos que estavam afastados se reaproximaram. Para 2016 pensamos em itinerâncias e ampliação, virão algumas surpresas”. Os resultados dos eventos são surpreendentes. No 'Agosto Solidário', mais de



Visitante prestigia exposição no Conjunto Nacional.

Diego Camacho



Artigos dos EESs na Feira Craft Design - 2015.

Diego Camacho



Produtos Ecosol no vão do MASP.

Coletivo A Invenção



Bob Controversista e grupo Hip Hop Mulher na Design Weekend.

Coletivo A Invenção

50 EESs participaram das atividades, gerando um faturamento acima de R\$ 60.000,00 (sessenta mil reais) em uma semana (sem contar os recursos provenientes da venda de produtos na Loja Solidária, que funcionou no vão do MASP, montada especificamente para vender produtos dos coletivos que participaram das atividades neste local e que funcionou durante a programação). Surgiram novas oportunidades de negócio para os empreendimentos a partir da participação no DW e na Craft + Design. Cerca de 60 mil pessoas, por dia, foram impactadas pelas ações.

Já na *N Design SP*, foram 44 EESs participando da programação, com mais de R\$ 200.000,00 gerados para estes, em uma semana e 1.450 estudantes atingidos. Os valores foram consolidados junto a Mônica Ribeiro (que compartilhou vários dados com esta matéria). “Tivemos um momento quando fomos para a rua. A ecosol é uma nova forma de construção e consumo. A segunda fase do projeto de consolidar espaços de circulação do conhecimento, de serviços e de contato com o público, de mostrar a forma que ela pulsa na cidade, de onde ela vem, permite um novo olhar, inclusive pela imprensa”, destaca.

Entretanto, para conseguir chegar neste patamar, a semente da Ecosol criativa precisou ser plantada e cultivada muito antes. Se Bob e Leo Pinho construíram trajetórias atuando nas comunidades carentes até se encontrarem e hoje estarem no projeto da Unisol SP e do Setorial (relatado no Fala Cooperado Sudeste), outros atores se somaram à causa.

À frente como coordenador geral da Unisol Brasil no referido projeto de Economia Solidária como Estratégia de Desenvolvimento, da STDE/Prefeitura Municipal de São Paulo (PMSP), Christiano Basile trabalha neste tema desde 1999, tendo passado pela Incubadora da Universidade de São Carlos (UFSCar-SP) e Instituto Consulado da Mulher. Ele explica que o setorial de Economia das Culturas tomou fôlego a partir de dezembro de 2014, quando foi vencido o edital de chamamento público para a estruturação do projeto de ecosol do município. A partir da aprovação do projeto, foram mais de cem entidades de ecosol contatadas na capital para aproximação e levantamento de detalhes. “Na economia das culturas e criativa temos uma forte demanda também nas áreas de tecnologia, inovação, produção e uso de aplicativos. Queremos articular com as universidades e incentivar para que conheçam a ecosol e ajudem a pensar profissionalmente soluções para os EESs”, reforça.

Um dos destaques neste sentido é o coletivo Scipopulis, grupo de jovens programadores paulistas que desenvolveu um aplicativo colaborativo chamado “Coletivo”, disponível no Google Play, loja online da

empresa Google, e que fornece informações em tempo real sobre os ônibus e a rede de transportes da cidade de São Paulo. Outros, são projetos desenvolvidos por alunos da Universidade Mackenzie (SP) na área de design em parceria com a Design Possível, e pesquisas feitas com o Projeto Crescimento, na Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (USP) com artefatos de cimento, vasos, inclusive com trabalhos junto aos públicos de EESs de tratamento de saúde mental e drogas. É uma técnica de reaproveitamento de material da construção civil por meio do curso de Engenharia, com a proposta de aliar autogestão e tecnologia social.

O projeto Ecosol junto a STDE vai até dezembro de 2015. Reuniões tem acontecido nos bairros e na Galeria Olido, no centro da capital paulista, onde fica a sede da STDE, e a quantidade de pessoas engajadas tem surpreendido os organizadores. Existem boas perspectivas para a continuidade em 2016. Está sendo retomada a Lei de Ecosol para a cidade. Várias redes estão sendo formadas, como a de Costura Solidária, e a de Economia das Culturas; e a ocupação de equipamentos públicos para a produção. “Um dos objetivos do projeto foi o de trazer algo inovador, dentro da Economia Solidária, além dos setores tradicionais, como

o artesanato, a costura e o setor de alimentação. Quando escrevemos a proposta, pensávamos qual seria esta novidade, e neste sentido, trazer a juventude e a economia das culturas e criativa, possibilita colocar ‘um novo fôlego’, reforça Basile. E continua: “Nesta economia vemos uma inserção muito grande nas periferias, por meio do hip hop, que não é só uma manifestação cultural no grafite, na dança, no dj. Existe uma proposta filosófica que questiona a exclusão social do sistema. Assim, é muito comum encontrar coletivos de jovens onde a ecosol tem um campo bem frutífero para trabalhar. Percebemos uma imensa capacidade de mobilização em São Paulo. Para se ter uma ideia, somente na cidade Tiradentes tem mais de duzentos coletivos e grupos que trabalham teatro, cinema e outros temas. Eles não entendiam o que era ecosol, mas quando demos a ideia eles se viram como atores potenciais disso”, conclui Basile. Outras matérias falando do projeto e eventos você encontra nos canais:

Veja no QR-CODE



<http://unisol.coop/hh>

## ECONOMIA SOLIDÁRIA E A REAÇÃO À ONDA CONSERVADORA

**O** Brasil assiste a uma onda conservadora, onde pautas de retiradas de direitos e questionamentos às políticas sociais tem crescido.

A reação conservadora também se manifesta de forma difusa na sociedade por meio dos ataques aos direitos sociais e às políticas públicas voltadas aos mais pobres, conquistadas nas últimas décadas, em nosso país. Atualmente, assistimos por diversos meios de comunicação e discursos de setores expressivos da sociedade, defendendo que o problema da violência urbana, deve ser respondido com mais cadeias, mais violência institucional e com o encarceramento em massa de crianças, adolescentes e jovens, através da Redução da Maioridade Penal.

É importante salientar que a reação conservadora não é resultado apenas do atual momento, onde um conjunto de forças sociais, políticas e econômicas se organizam, mas, sim, de um processo complexo onde concessões, alianças por governabilidade, falta de disputa de valores no conjunto do tecido social e a diminuição do protagonismo social e político dos setores populares deram a possibilidade para o acúmulo de forças dos setores mais conservadores da sociedade.

“Diversos estados ainda obrigam a filiação à OCB.”

A Economia Solidária, que conseguiu afirmar uma política pública nacional, com a construção da Secretaria Nacional de Economia Solidária – MTE que já foi vanguarda mundial no tema, tem sido alvo de possíveis mudanças de direcionamento e continuidade. Além disso, a Economia Solidária ainda não conseguiu afirmar um Marco Legal próprio e nem estruturar um conjunto de instrumentos de financiamento e investimento aos empreendimentos econômicos solidários.

Um exemplo é o PL 4.685/2012, a “Lei da Economia Solidária” que ficou parada por um ano e agora aguarda tramitação no Senado. Aprovamos a Nova Lei de Cooperativas de Trabalho, Lei Nº 12.690, de 19 de julho de 2012, no entanto, ainda

não conseguimos a implementação do Programa Nacional de Apoio ao Cooperativismo de Trabalho (PRONACOOP). A Lei Geral do Cooperativismo, que irá democratizar essa prática e o acesso ao Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo (SESCOOP), integrante do Sistema Cooperativista Nacional, continua tramitando no Senado Federal. Em diversos Estados ainda temos legislações que obrigam a filiação à Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB) nas Juntas Comerciais ou para o acesso às compras públicas.

A questão central que se coloca atualmente é: ‘Como avançar com os Direitos e barrar a Reação Conservadora?’



2º Módulo do Forum de Lideranças Unisol Brasil

No Brasil, temos uma tradição secular de transições negociadas e de mudanças através do Estado e de suas instituições, o que delineia tanto os setores progressistas quanto os conservadores. A marca comum é que o povo, as trabalhadoras e trabalhadores, só entram no máximo como coadjuvantes e atores legitimadores de processos levados por “cima”, onde as elites políticas, sociais e econômicas, colocam os “limites” para as mudanças.



Unisol Brasil em votação de PL na Câmara Municipal de São Paulo

## VOLTAR A SONHAR! UNIR FORÇAS! ASSOCIATIVISMO E COOPERATIVISMO

As grandes alterações de regime político no Brasil não se deram com a concretização de levantes e revoluções, mas sim, através de acordos e pactuações entre as elites do novo e antigo regime. Desde o nascimento da República, passando por Getúlio, Jango e até a Ditadura Militar, suas mudanças não tiveram o povo e as trabalhadoras (es) e suas organizações como eixo central. Todas elas aconteceram por “cima”, criando uma cultura política em nosso país, onde as mudanças ocorrem por meio da disputa do Estado e de suas instituições, apenas tendo os movimentos e organizações populares o papel de se alinhar com um ou outro projeto em disputa no interior da institucionalidade.

Esse modelo cria uma dependência direta entre as organizações e movimentos e as disputa no interior das instituições do Estado, limitando seu horizonte de conquistas de direitos e de transformação social às possibilidades “reais” de disputas institucionais. Transferindo o “pragmatismo” dos jogos institucionais para os movimentos e organizações, resultando objetivamente na perda de potência criadora e criativa.

A agenda da última década deixa essa cultura política em relevo no Brasil. A conquista da Presidência da República, pela primeira vez na história, de um operário, Lula, e depois de sua capacidade de fazer a sucessora, Dilma, foi acompanhado por um “esfriamento” da organização popular e de uma diminuição da pressão popular. Reforçando a cultura política de que as grandes transformações vem do Estado e de suas instituições.

Os efeitos dessa situação podem ser vistos hoje, quando setores conservadores e setores reacionários, como os que defendem a volta do regime militar, ganham terreno no debate com o conjunto da sociedade e disputando as ruas, que sempre foram palco das manifestações dos setores populares e progressistas.



Expatadores (SP), palco central e plateia de abertura do evento

O associativismo, como prática de auto-organização popular, está presente desde o período da colonização, do escravismo e depois da onda migratória para substituir a força de trabalho escrava. Um dos exemplos mais emblemáticos do associativismo, com este formato popular, esteve presente no Quilombo dos Palmares, que chegou a ter por volta de 30 mil pessoas. Eles tinham como fundamento o trabalho associativo e a gestão coletiva das terras. Após a proclamação da República e da estruturação de centros urbanos, o associativismo e o cooperativismo se tornaram uma força organizativa para a nascente classe trabalhadora urbana, com diversos centros de ajuda mútua e de solidariedade popular que deram as condições para o surgimento dos primeiros sindicatos.

Na área rural, o associativismo e o cooperativismo foram elementos centrais na organização produtiva, econômica e social da agricultura familiar. A luta por terra no Brasil, desde as Ligas Camponesas, passando pelo Sindicalismo Rural até o Movimento Sem Terra (MST) é fundada na auto-organização das(os) camponesas(es), na luta por garantir o Direito à Terra e à Produção por meio destas famílias do campo e do cultivo em determinadas áreas urbanas.

No final da década de 70, em meio à efervescência social e política contra a Ditadura, onde os metalúrgicos do ABC faziam suas primeiras greves, o movimento contra a carestia da vida ganhava os bairros das periferias do país. As comunidades eclesiais de base (ECBs) faziam seu trabalho junto aos marginalizados e a luta camponesa ganhava visibilidade, no surgimento do MST, assim como de diversos movimentos sociais.



Oficina de planejamento Vale Circuito, em Minas Gerais



Encontro Empresas Recuperadas, em São Bernardo do Campo (SP)

Na ECOSOL não é diferente, desde as lutas pela resistência contra as demissões, a falência de empresas, a hiperinflação e o desmonte de direitos trabalhistas, o associativismo de base comunitária e o cooperativismo sempre estiveram presentes, como ferramenta de organização popular para lutar pelos direitos sociais, políticos e econômicos.

A UNISOL Brasil também é fruto dessa tradição de luta em defesa dos interesses da classe trabalhadora. Foi da recuperação de empresas falidas que a nossa Central deu seus primeiros passos, há mais de uma década, começando como UNISOL SP e em dois anos já se articulava a nível nacional. Uma Central de Associações e Cooperativas surgidas no seio do movimento sindical brasileiro e de sua principal Central, a CUT. Recentemente, a união das três Centrais Cooperativas e Associativas do campo popular, a UNICAFES, a CONCRAB e a UNISOL Brasil, resultou na construção da UNICOPAS, que é o instrumento principal para estabelecer uma Nova Agenda de Desenvolvimento Nacional. A UNICOPAS está pautada na Justiça Social e na sustentabilidade econômica e social, na organização de Redes e Cadeias Produtivas solidárias, onde as práticas associativistas e cooperativistas são seu elemento constitutivo central, um desenvolvimento que democratiza.

Nessa perspectiva, a partir de ampla mobilização do campo da Economia Solidária, se faz necessário afirmar nossas pautas estratégicas, em especial o conceito de empreendimento econômico solidário, a nova legislação geral do Cooperativismo, e a revalorização das práticas associativas e autogestionárias no conjunto das práticas sociais.

Diante da *Reação Conservadora* na atual conjuntura, precisamos aprofundar a relação das organizações e fóruns de Economia Solidária com a CUT e o conjunto dos movimentos sociais, aderindo à Frente Brasil Popular.

Fortalecendo a unidade do campo sindical e social brasileiro numa agenda que mantenha e amplie os direitos conquistados e barre a agenda reacionária. É necessário lançarmos um grande chamado nacional para todos os militantes, entidades, frentes e movimentos da Economia Solidária para fortalecer a UNICOPAS como expressão organizativa do cooperativismo popular brasileiro, e fomentar e reforçar as articulações em Redes e Cadeias Produtivas Solidárias que possam, de forma dialética, ter movimentos de negação (contra os retrocessos) e de afirmação (por mais direitos sociais, políticos e econômicos).

Reorganizar nossas associações pelos Estados (federalização) e a articulação das Centrais pertencentes à UNICOPAS em nível local, fortalecendo sua gestão, ampliando seus associados, filiando novas cooperativas e associações. Esse é o caminho para lutarmos por uma Nova Agenda de Desenvolvimento Nacional. A oportunidade aberta com o 4º Congresso Nacional da UNISOL Brasil e todo o seu processo de mobilização e discussão nos colocam pontos importantes, destaques no atual cenário para avançar com o desenvolvimento solidário e sustentável:

1. Fortalecer a UNICOPAS como central do Cooperativismo e Associativismo Popular, ampliando sua articulação em nível nacional, mas também em todos os Estados de nosso país;
2. Fortalecer a relação com a CUT e o conjunto dos movimentos sociais, aderindo à Frente Brasil Popular;
3. Organizar Mobilizações e Campanhas pela aprovação dos Projetos de Lei 519/2015 e 4.685/2012;
4. Implementação de um conjunto de políticas públicas de apoio, fomento e financiamento para a estruturação do campo do cooperativismo social;
5. Lançar uma Campanha Nacional de Filiação à UNISOL Brasil;
6. Construir a UNISOL em todos os Estados;
7. Aprofundar uma agenda internacional multilateral capaz de fortalecer o MERCOSUL, a UNASUL e as relações com a União Européia, Canadá e África, na perspectiva de trocas de conhecimentos e tecnologias sociais para fortalecer o Associativismo e o Cooperativismo.

Por **Leonardo Pinho** - Secretário-Geral da UB.  
**Isadora Candian dos Santos** - Ideário, da Rede Design Possível.

## COOPCAMATE RECICLAGEM E A LUTA DOS JOVENS DA ECOSOL

**M**ais uma iniciativa com a liderança jovem des-ponta na ecosol. Ana Paula, presidente da Coopcamate, de Canoas (RS), relata a história do EES: “Em 1986 teve início a associação dos carroceiros, quando cinco pessoas catavam materiais em carrinhos na rua e traziam para fazer a triagem no espaço cedido pela associação dos moradores do bairro. Constituímos a cooperativa em 14 de novembro de 2003. Isto aconteceu devido à solicitação de uma empresa parceira que só poderia destinar os materiais para uma cooperativa. Hoje temos 29 cooperados”, enfatiza.

Os produtos iniciais trabalhados foram materiais recicláveis, coletados numa empresa privada no município de Canoas, contratada pela prefeitura local. A filiação à Unisol Brasil e Unisol RS ocorreu em 2011. “A entidade contribui conosco com a nossa inclusão em projetos de nível federal, por exemplo, no Cataforte III. Nos orienta e prepara para estarmos dentro dos requisitos exigidos. Esta fase do Cataforte dará mais impulso aos nossos objetivos”. O EES investe em ações com os mais jovens. “Temos projetos de aulas de música, aulas de violão e de canto”. A cooperativa já participou de outras atividades para o seu crescimento. Uma delas, de 5S, uma tipo de dinâmica de qualidade, fora promovida por uma consultoria, ao realizar uma série de reuniões e planejamento envolvendo professores e alunos da instituição de ensino Unilasalle, de Canoas.

Durante uma manhã, os alunos e professores dos cursos de Administração, Fisioterapia, Processos Gerenciais e Engenharia de Produção, juntamente com os cooperados, realizaram a organização e demarcação no galpão onde são mantidos os materiais recicláveis usados pela Cooperativa. Já durante a tarde ocorreu o fechamento do dia com uma reunião entre todos os participantes, na qual todos puderam compartilhar um pouco de suas experiências. “Se seguirmos tudo o que aprendemos com as reuniões vamos conseguir trabalhar melhor, e ter um retorno financeiro adequado”, projetou Eduarda Cortes, uma das cooperadas. As ações aconteceram em parceria com o Tecnosocial Unilasalle, por meio da Incubadora de Empreendimentos Solidários.

Ana Paula lembra: “O nosso desafio é a organiza-



ção da coleta seletiva na cidade de Canoas. Nossas dificuldades são os catadores informais e a conscientização dos munícipes em fazer a separação correta dos materiais. Queremos superar isso, por meio da Central de Cooperativas de Canoas - Coopercan – ao fazermos a divulgação nos bairros atendidos pela coleta seletiva. Temos o apoio da Secretaria do Meio Ambiente, junto a diretoria de resíduos sólidos, responsável pela coleta seletiva no município, que imprime o folder informativo para entregar aos moradores, somada à divulgação na imprensa local, no jornal e no rádio”, explica. “Para o avanço de nossas reivindicações, fazemos parte do Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR)”, conclui.

Fontes: CAMP - Centro de Assessoria Multiprofissional - é uma organização não governamental, que mobiliza, organiza socialmente, educa, capacita, forma lideranças, pesquisa e sistematiza o conhecimento.

Site: <http://www.unilasalle.edu.br/canoas/noticias/acao-sinergia-coopcamate>



Recicláveis e cooperada na Coopcamate.

Veja no QR-CODE mais informações:



<http://UNISOL.coop/hk>

## CONSOLIDAR REDES E UM NOVO MODELO DE DESENVOLVIMENTO É O QUE MOVE O INSTITUTO INTEGRA

**D**esenvolver e implementar projetos inovadores em cooperação com iniciativas do setor privado, público e grupos sociais organizados. Esta é a missão do Instituto Integra, sediado em São Paulo, que completa 13 anos tendo realizado uma grande e rica variedade de projetos de economia solidária.

Naquela época, em 2003, uma cooperativa de engenheiros e arquitetos da área de economia solidária viu a necessidade de acompanhar e assimilar, sem fins lucrativos, as iniciativas de caráter social em engenharia e arquitetura, junto aos grupos de pessoas ‘excluídas’ da sociedade. Desta forma, iniciaram assessorias para o desenvolvimento de ações ligadas às habitações de interesse social (habitações populares).

Desde então, o Integra formula projetos de elaboração e implementação de políticas públicas e de intervenção social, a partir de parcerias com governos e com a iniciativa privada. E presta serviços de consultoria, de planejamento e apoio voltados para o interesse coletivo e para grupos sociais desassistidos.

Aguiardo Lima, presidente do Integra, explica o alcance das atividades: “trabalhamos de modo interdisciplinar, com a colaboração de diversas áreas do conhecimento, entre as quais, en-

genharia civil, arquitetura, administração, economia, psicologia, psicologia social, contabilidade e ciências sociais. Realizamos estudos e pesquisas para o desenvolvimento de tecnologias alternativas e sociais

e a produção e sistematização de metodologias relacionadas com as temáticas abordadas” salienta. Os projetos do Integra envolvem as áreas de qualificação profissional, geração de trabalho e renda e assessoria na criação e realização de políticas públicas. Durante estes anos, mantendo o foco nos seus objetivos, promoveu o desenvolvimento econômico e social, o combate à pobreza, os direitos estabelecidos e a construção de novos direitos, a preservação e conservação do meio ambiente e a sustentabilidade.

Ainda no começo de sua trajetória, em 2004, uma iniciativa beneficiou mais de 5.000 pessoas de baixa renda e gerou mais de 30 empreendimentos econômicos solidários (EESs) e autogestionários. Fruto de um convênio com a FAO/ONU e a então Secretaria do Desenvolvimento, Trabalho e Solidariedade da Prefeitura Municipal de São Paulo (SDTS/PMSP), junto ao Programa Oportunidade Solidária (POS), foram realizadas atividades de sensibilização, seguidas de pré-incubação e de incubação em economia solidária, de

empreendimentos econômicos e de beneficiários dos programas sociais redistributivos da referida Secretaria.

Em 2006, a OSCIP atuou também no projeto Capacita Sam-

pa, da Prefeitura Municipal de São Paulo (PMSP), desenvolvendo cursos de web designer, hotelaria e operacionalização de eventos para 520 jovens da zona sul da capital paulista. Os cursos tinham carga de



Reunião da Rede de Saúde Mental e Economia Solidária. Crédito: Integra

320 horas, incluindo atividades práticas. Fez ainda articulações junto a aproximadamente 100 entidades e 50 empresas da região, com o intuito de inserir os jovens no mercado de trabalho, e cerca de 60 % deles conseguiram emprego.

Outras ações – Em mutirões habitacionais, o Integra esteve atuante por meio de acompanhamento técnico e social dos futuros moradores e de suas associações. Em um deles, foram definidos desde a tipologia das unidades até o processo construtivo. Assim, como resultado, 650 moradias foram erguidas por meio de mutirões nos municípios paulistas de Atibaia e Teodoro Sampaio e no Itaim Paulista, na cidade de São Paulo. A entidade também participou com a sensibilização em economia solidária, estimulando ações de poupança coletiva, formação de cooperativas, acompanhamento social.

Vale destacar ainda mais dois projetos, dentre tantos outros. Marcelo Rodrigues, do Integra, relembra: “durante dois anos, a partir de 2008, fornecemos, para 30 EESs selecionados, uma assistência técnica, estimulando grupos de trabalhadores cooperados a se organizarem para que tivessem melhor perspectiva de renda e trabalho. Assim sendo, transferimos, para estes, conhecimentos sobre organização do trabalho, gestão, avaliação de mercado, inserção de produto, entre outros. Este projeto aconteceu por meio de parceria com a SENAES/MTE, para a Formação de Rede Nacional de Assistência Técnica através de Núcleos Estaduais de Assistência Técnica e Redes de Cooperação em Economia Solidária. Fomos selecionados para implantar o Neates/SP – Núcleo Estadual de Assistência Técnica em Economia Solidária no Estado de São Paulo. Tivemos muita satisfação em poder fazer parte deste importante passo para a Ecosol no Estado”, salienta.

Mais recentemente, desde 2013, o Integra lidera o ‘Projeto Redes - Construindo a Base de Serviço da Economia Solidária e Cooperativismo Social da Rede



Formação em comércio justo, do Redes, por Instituto Integra.

de Saúde Mental e Ecosol do Estado de São Paulo’. Atuando de forma articulada com parceiros intersectoriais, vem realizando assessorias e consultorias

“ O Integra presta serviços de consultoria, planejamento e apoio voltados para o interesse coletivo.

nas áreas de Desenvolvimento de Produtos, Branding (desenvolvimento de marcas), Design Gráfico, Estudo de Viabilidade e Sustentabilidade Econômica, Comunicação Institucional, Assessorias Contábil e Jurídica. E tem estruturado arranjos produtivos solidários e construído outras alternativas às políticas sociais e de saúde. As ações ocorrem por meio de atividades de assessorias técnicas, comercialização em Rede, formação e formalização dos empreendimentos econômicos solidários.

Rodrigues reforça: “a Base de Serviço da Rede tem sido o resultado de uma troca afetiva e produtiva entre os conhecimentos acumulados pelos EES, pela nossa equipe técnica e dos parceiros (entidades e universidades) e das assessorias, consultorias e prestadores de serviço. Operamos para que todo conhecimento, técnicas e serviços acumulados no processo de constituição da Rede possam se tornar patrimônio coletivo e ser replicados, através de um trabalho de sistematização e registro”, conclui. Mais detalhes nas redes sociais e também:

Veja no QR-CODE o texto completo



<http://UNISOL.coop/hm>



## PALMASLAB, JUVENTUDE E CULTURA DIGITAL



Jovens reunidos para discutir projetos do Palmaslab (CE)

Uma iniciativa como o Instituto Palmaslab, de pesquisa e desenvolvimento de tecnologia da informação, reunindo jovens carentes num dos bairros outrora mais violentos de Fortaleza (CE) é algo certamente a chamar a atenção. Este projeto, conjugando juventude e cultura digital, surgiu do Banco Palmas, primeiro banco comunitário do Brasil, com uma trajetória impressionante. Na época de sua formação, eram cinco pessoas que estavam à frente da Associação dos Moradores do Conjunto Palmeira, uma grande favela da periferia de Fortaleza, considerada o pedaço mais perigoso da cidade. Durante 25 anos, desde a década de 1970, a Associação de Moradores organizou mutirões comunitários e urbanizou o bairro. Construiu um canal de drenagem, redes de esgoto, praças, creches comunitárias, pavimentou as ruas e realizou outros serviços. Quando o bairro foi urbanizado, em 1997, a população local não teve como pagar as taxas (água, esgotamento sanitário, energia elétrica, IPTU, e outras) e então, começou a vender suas casas e ocupar outras favelas. Para tentar reverter esta situação, a Associação de Moradores tomou a iniciativa de criar um projeto que pudesse gerar trabalho e renda para os moradores, na própria comunidade. Esse projeto foi

o Banco Palmas. Para pôr em prática a ideia, houveram 96 reuniões com produtores, comerciantes e moradores em geral, para se definir como seria um projeto de geração de trabalho e renda no Conjunto Palmeira. A base teórica e filosófica saiu das leituras que os líderes comunitários tinham sobre a Teologia da Libertação, que prima pela organização da comunidade enquanto portadora de solução e dos livros sobre cooperativismo de Paul Singer. Havia um certo consenso de que existia pobreza porque os moradores não tinham dinheiro, entretanto, um levantamento mostrou que mensalmente, os moradores consumiam em produtos, ou seja, gastavam com alimentação, vestuário, produtos de limpeza e de higiene e beleza, um total de R\$ 1.200.000,00 (um milhão e duzentos mil reais).

O problema era que todas as

compras aconteciam fora do bairro. Então os organizadores do Banco Palmas disseram aos moradores: ‘não somos pobres porque não temos dinheiro, e sim, porque perdemos nossa base monetária, ou seja, perdemos o dinheiro que temos’!. O Banco foi inaugurado em 1998. Por ser Comunitário, é um serviço financeiro, solidário, em rede, de natureza associativa, voltado para reorganização das economias locais, na perspectiva da geração de trabalho e renda e da Economia Solidária. E o Palmas inovou porque combina quatro produtos operando de forma integrada e simultânea no bairro: i) crédito para a produção, ii) crédito para o consumo (em moeda social), iii) correspondente bancário, iv) e um forte controle social sobre as atividades do banco. Mas no início o Banco Palmas enfrentou muita incompreensão. Eles chegaram a ser processados pelo Banco Central.

Os jovens estão em várias

frentes promovidas pelo Banco Palmas. A 'Escola Popular Cooperativa Palmas – EPC Palmas' consiste em um projeto do Instituto Palmas voltado para a juventude do conjunto Palmeira, com o objetivo maior de fazê-los ingressar na universidade. Atua com uma pedagogia libertadora que oferece aos alunos: conhecimentos teóricos para obterem sucesso no vestibular, desenvolvimento da capacidade empreendedora, e sensibilização para a participação nas atividades comunitárias e de proteção e conscientização ambiental. Cada aluno recebe um fardamento e todo o material didático e pedagógico.

Cada turma tem seis meses de capacitação, 600 horas de sala de aula. Os professores, geralmente, ex-alunos, alunos universitários, e professores das escolas públicas do bairro, recebem uma bolsa do Palmas (em média R\$ 100). Já a 'Academia de Moda da Periferia' é um espaço de formação e produção na área de moda, constituída por jovens do Conjunto Palmeira. A Academia funciona em um ateliê existente na sede da Associação dos Moradores do Conjunto Palmeira/Banco Palmas, medindo 80 metros quadrados, equipado com máquinas e equipamentos adequados. Nela, os jovens compreendem os processos básicos na construção do vestuário, o que lhes permitirá ingressar no mercado de trabalho (ou montar seu próprio empreendimento) com conhecimentos téc-

nicos, antes restritos aos estudantes de moda das universidades e a pessoas que já trabalham na área. No Curso de Economia Solidária - Ecosol, de 'Consultores Comunitários', destinado aos jovens do Conjunto Palmeira, são ministrados treinamentos para a prestação de pequenas consultorias aos empreendimentos (comércio, indústria e serviço) do local e para a Rede de Bancos Comunitários do Ceará. Serve também como pro-

**“ Mais recentemente, em 2012, o Palmaslab se constituiu num braço de TI do Banco.**

cesso formativo para os futuros trabalhadores e voluntários do Banco Palmas.

Mais recentemente, em 2012, o PalmasLab se constituiu num braço de tecnologia da informação do Banco. O Laboratório de Inovação e Pesquisa em Finanças Solidárias é uma iniciativa do Instituto Palmas de Desenvolvimento e Socioeconomia Solidária e tem como finalidade potencializar e dar escala às Finanças Solidárias, por meio do uso da tecnologia da informação (TI), dentro dos princípios da Ecosol. Dentre os seus principais objetivos estão o desenvolvimento de soluções de TI para computadores e dispositivos móveis, para aumentar o acesso aos serviços financeiros, melhorar a gestão dos Bancos Comunitários (BCD's) e

aperfeiçoar a comunicação entre as comunidades, os BCD's e outras instituições relevantes. E ainda, criar uma incubadora local de jovens que vai facilitar o surgimento de empreendimentos solidários de TI, fornecendo estas soluções para a periferia. Além de influenciar as políticas públicas por meio de parcerias com instituições acadêmicas, que possam usar os dados coletados no monitoramento e avaliação das soluções do Laboratório de informática e, em troca, identificar e promover as melhores práticas de políticas de inclusão financeira.



Veja no QR-CODE  
o texto completo:



<http://UNISOL.coop/hn>

## MANIFESTO JUVESOL JUVENTUDE EM REDE



Juvesol em Santa Maria (RS)

**A** JuveSol, Juventude Solidária, é uma mobilização e articulação de diversas pessoas em todo o Brasil que entendem que o movimento de Economia Solidária, a partir de sua luta por um panorama social mais justo e solidário, pode ser uma ferramenta transformadora para se pensar perspectivas da juventude no Brasil e promover o engajamento dos jovens.

Pessoas, entidades, projetos, coletivos, os empreendimentos econômicos solidários, os movimentos e representantes da sociedade vem se articulando em torno da JuveSol desde o início de 2015, dentro de um contexto brasileiro de uma juventude que, de modo geral, não teve referências políticas e de mobilização.

As jornadas de junho de 2013 mostraram o quanto jovens em diversas partes do Brasil estão

descontentes com a situação social, econômica e política do país, mas também revelou o quanto a falta de outros referenciais pode levar esse descontentamento às propostas muitas vezes vazias, dando margem também ao conservadorismo.

No contexto urbano, ao mesmo tempo que vemos a juventude sem referências políticas, também assistimos a juventude negra e periférica sofrer diversas formas de violência, discriminação e desigualdades sociais. No meio rural, os jovens, cada vez mais, fogem do campo para as cidades por falta de trabalho e perspectiva, se inserindo nas periferias urbanas.

É nesse cenário que vemos como a Economia Solidária pode ser uma alternativa para a ju-

ventude, contra a lógica de trabalho alienado, através do trabalho cooperado, autogestionário e solidário, e do questionamento do capitalismo de uma forma geral, enquanto sistema político, econômico e social dominante, que perpetua a exploração e a desigualdade. Percebemos que o movimento de Economia Solidária brasileiro - que engloba pessoas, entidades, projetos e gestores públicos - precisa pensar em estratégias mais concretas para a juventude, especialmente a juventude urbana. Trata-se de uma provocação positiva, na medida em que os jovens convidam o movimento a renovar suas metodologias e estratégias, para que sejam mais dinâmicas e com abordagem mais próxima à linguagem da juventude, que está a todo momento reinventando suas formas de intervenção. Esse potencial inovador atribui um forte caráter de resistência à experiência da juventude organizada, sobretudo nas periferias. Nesse sentido, os setores criativos e de tecnologia são grandes atrativos para os jovens e vemos cada vez mais o surgimento de coletivos, cooperativas e grupos que fazem disso o seu trabalho, utilizando os princípios da Economia Soli-



dária como forma de organização e orientação política. Mas ao mesmo tempo, essas iniciativas existentes ainda são pequenas e pontuais, e o potencial transformador da Economia Solidária na juventude é muito grande.

Nosso propósito é buscar articular, mobilizar e discutir a Juventude e a Economia Solidária, promovendo encontros, fomentando e fortalecendo redes, arquitetando políticas públicas, espalhando essa proposta e a vontade de transformar o mundo, acreditando em outra economia e no protagonismo da juventude. Para acompanhar e se envolver nas ações da JuveSol, acesse o Face-



1º Encontro JUVESOL em Brasília (DF), junho 2015.

book do grupo: <http://unisol.coop/gH>

Texto produzido por articuladores da JuveSol. Região Sudeste: Alex Borges Barcellos, Arthur Lauriano, Elis Ferrante, Isadora Candian dos Santos, Juliana Gonçalves, Thaís Mascarenhas, Vinícius Fuzeti. Região Nordeste: Ingrid Silva.



Veja no QR-CODE  
mais informações:



<http://UNISOL.coop/hp>



Participantes do grupo Juvésol em Brasília (DF), no 1o. Encontro da JUVESOL, junho 2015. As preocupações e perspectivas da juventude de ecosol em análise e discussão.

## 4º CONGRESSO BRASILEIRO DA UNISOL BRASIL: NOVA AGENDA PARA O COOPERATIVISMO E ASSOCIATIVISMO BRASILEIRO



Congresso da Unisol Brasil em 2012



Assessores e cooperados participam do Congresso da Unisol Brasil em 2012



Arildo Mota Lopes  
Presidente da  
UNISOL BRASIL

A UNISOL Brasil chega ao 4º Congresso Brasileiro depois de mais de uma década de existência. Muitos foram os acertos e erros durante essa caminhada de construção de uma Central de Cooperativas e Empreendimentos Econômicos Solidários, que tem seu modelo de desenvolvimento assentado nos princípios e valores da Economia Solidária.

Nessa caminhada, a UNISOL Brasil viu os dois ciclos que a Economia Solidária passou e está diante de um novo ciclo cheio de desafios. Num primeiro momento a ECOSOL foi se afirmando como uma alternativa de resistência das

trabalhadoras (es) que viviam o crescimento das falências de empresas, a desregulamentação dos direitos trabalhistas, o avanço da economia informal e a ausência de políticas públicas sociais. Foram os anos do neoliberalismo, onde a economia era voltada essencialmente aos interesses dos setores financeiros. Essa fase vai se consolidar no encontro de diversos atores dessa nova economia durante o Fórum Social Mundial (FSM), em Porto Alegre, (2005) que afirmava: 'Que um Outro Mundo é Possível!'

A partir dessa articulação no FSM, a ECOSOL começa a entrar em um novo ciclo, um ciclo de superação da defensiva e da resistência, para um de afirmação e disputa de modelo e de políticas

públicas (PPs). Nessa nova etapa, os atores da ECOSOL vão começar a exigir um Novo Modelo de Desenvolvimento e um reconhecimento das PPs, da existência e da importância do associativismo e cooperativismo autogestionário. E também a ofensiva da ECOSOL vai culminar na conquista da criação da Secretaria Nacional de ECOSOL no Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), já no primeiro governo de Lula.

Este posicionamento da ECOSOL combina dois fatores que se interligam: um, o crescimento e ampliação das políticas públicas de apoio, fomento e financiamento da economia solidária, tanto no governo federal, como em experiências estaduais e municipais espalhadas

pelo Brasil; dois, a ampliação e fortalecimento do Fórum Brasileiro de ECOSOL e das Centrais de Representação do Cooperativismo e Associativismo Autogestionário - UNISOL Brasil, Concrab, UNICAFES e uma relação orgânica com diversos movimentos sociais, como os de Agroecologia, Catadores, População de Rua, Combate ao Racismo, Mulheres e Saúde Mental. O Brasil assiste hoje a uma onda conservadora que está questionando o conjunto das conquistas sociais e dos avanços dessa última década. Na Ecosol, isso se materializa objetivamente na dificuldade em se afirmar o conceito de Empreendimento Econômico Solidário.

“ O Brasil assiste hoje uma onda conservadora que está questionando as conquistas sociais e avanços dessa última década.

Nosso 4º Congresso Brasileiro pretende ser um espaço de mobilização e reflexões dos filiados e filiadas da UNISOL Brasil e seus parceiros nacionais e internacionais acerca desse novo ciclo que se abre no País e para a Economia Solidária, de crescimento e legitimação de um programa e modelo de país conservador. E será um espaço para fortalecer e expandir a construção da UNICOPAS, como espaço de articulação e afirmação de uma nova Agenda para o Cooperativismo e Associativismo Autogestionário. Uma agenda dialética, onde por um lado, enfrentamos a onda conservadora, se afirmando como parte do campo da Frente Brasil Popular, e outra de garantia e ampliação dos Direitos, com a luta por afirmar a Nova Lei Geral do Cooperativismo, que possa democratizar e atualizar o Cooperativismo Brasileiro e pela aprovação da Lei Geral da ECOSOL. Venha construir com a gente uma *Nova Agenda* para o Cooperativismo e Associativismo brasileiro. Mais informações nos canais:

<http://UNISOL.coop/hq>  
Ou veja no QR-CODE



Apresentação cultural durante o Congresso de 2012

Paulo Edison/UNISOL Brasil



Dinâmica e ato no Congresso da Unisol Brasil de 2012

Paulo Edison/UNISOL Brasil



Exposição de produtos Ecosol - Congresso Unisol Brasil 2012

Paulo Edison/UNISOL Brasil



Vista geral do Congresso da Unisol Brasil em 2012

Paulo Edison/UNISOL Brasil

# Acompanhou a UNISOL nas redes?

 <a href="http://UNISOL.coop/eR">http://UNISOL.coop/eR</a> 	 <a href="http://UNISOL.coop/fa">http://UNISOL.coop/fa</a> 	 <a href="http://UNISOL.coop/eZ">http://UNISOL.coop/eZ</a> 	 <a href="http://UNISOL.coop/eY">http://UNISOL.coop/eY</a> 
---	---	---	---

## Parceiros

### INTERNACIONAIS:


### NACIONAIS:


# 4<sup>o</sup> SEMINÁRIO NACIONAL DA ECONOMIA SOLIDÁRIA

Fortalecendo a Ecosol, o Associativismo e Cooperativismo.

Novas diretrizes, Novos Caminhos.

25  
—a—  
27

Novembro  
de 2015

Braston  
Hotel

Rua Martins Fontes, 330  
Consolação, São Paulo - SP



4<sup>o</sup> CONGRESSO NACIONAL DA  
**UNISOL  
BRASIL**



O Congresso terá transmissão ao vivo (Internet)  
Acompanhe a transmissão nos sites [www.tvt.org.br](http://www.tvt.org.br)  
e [www.unisolbrasil.org.br](http://www.unisolbrasil.org.br).

REALIZAÇÃO



INTRODUÇÃO



APOIO



Secretaria Nacional de  
Economia Solidária

Ministério do  
Trabalho e Previdência Social

GOVERNO FEDERAL  
**BRASIL**  
PATRIÇA EDUCADORA